

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA DE CIÊNCIAS HUMANAS – FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Marcela Fernanda de Souza

A VERDADE NO DISCURSO ANALÍTICO E O ENCONTRO COM A
SOCIOEDUCAÇÃO

Belo Horizonte

2019

MACIELA FERNANDA DE SOUZA

A VERDADE NO DISCURSO ANALÍTICO E O ENCONTRO COM A SOCIOEDUCAÇÃO

2019

Marcela Fernanda de Souza

A VERDADE NO DISCURSO ANALÍTICO E O ENCONTRO COM A SOCIOEDUCAÇÃO

Versão Final

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração Estudos Psicanalíticos, linha de pesquisa Conceitos Fundamentais em Psicanálise e Investigações no Campo Clínico e Cultural.

Orientadora: Profa. Dra. Nádia Laguárdia de Lima.

**Belo Horizonte
2019**

150 Souza, Marcela Fernanda de
S729v A verdade no discurso analítico e o encontro com a
2019 socioeducação [manuscrito] / Marcela Fernanda de Souza. -
2019.
96 f. : il.
Orientadora: Nádia Laguárdia de Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia

1 Psicologia – Teses . 2.Psicanálise - Teses. 3.Educação – Aspectos sociais - Teses. I .Lima, Nádia Laguárdia de . II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



FOLHA DE APROVAÇÃO

A verdade no discurso analítico e o encontro com a socioeducação

MARCELA FERNANDA DE SOUZA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2019, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Nádia Laguardia de Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Marcelo Ricardo Pereira
UFMG


Prof(a). Rosângela de Oliveira Moreira
PUC Minas

Belo Horizonte, 22 de fevereiro de 2019.

*Para meu Tio João (Saudades)
Sua menina cresceu...e voou.*

AGRADECIMENTOS

Enfim chega o momento de concluir, o qual não seria possível sem a parceria, torcida e troca com os outros da minha vida.

Primeiramente menciono Deus, e minha relação com o sagrado, ao qual atribuo os desejos alcançados.

Aos meus pais: Maria Rita e José Fernandes, pela torcida incondicional. Vibram com todas as minhas conquistas e para além delas, estão presentes em todos os momentos. Eu amo vocês imensamente!

À minha orientadora Nádia Laguárdia de Lima, a qual me acolheu com cuidado e dedicação. Com você aprendi o quanto o saber desprovido de vaidade é ainda mais encantador. Ser sua orientanda foi uma experiência incrível que me fez crescer não só como pesquisadora, mas como ser humano. Obrigada por tudo!

À banca examinadora: Jacqueline de Oliveira e Marcelo Ricardo por aceitarem contribuir com a minha formação. Gratidão pela leitura e pela honra de ser avaliada por vocês!

Aos meus irmãos: Sônia, Eunice, Rosa, Reginaldo, Reinaldo, Dislene, Mércia, Juliana, Júnior, Ernando e Adrielle, incluindo cunhados e cunhadas, pela torcida de sempre. O amor nos une!
Meus sobrinhos: Breno, Amanda, Maria Luísa, Fernando (nosso menino), Pedro Henrique, Rebeca, Cecília, Maria Fernanda, Kaio, Fabrício, Maria Rita, e Maria Júlia. Vocês são a alegria da tia.

À minha avó Noeme pelo abraço renovador, pelo olhar carinhoso e pelo amor intenso.

À minha irmã de alma: Nayara Souza. Agradeço a parceria, amor e torcida. Por ler meus textos psicanalíticos, mesmo não sendo sua área de estudo. Por ser meu bálsamo no dia a dia. Você esteve comigo desde o sonho pelo mestrado: vibrando nas conquistas, me acolhendo nos momentos de choro, e “puxando a orelha” sempre que necessário. Nossa amizade me faz melhor. Amo você!

À Virgínia Souto por tanto me ensinar sobre ética, estilo e escuta na psicanálise. Obrigada por contribuir para a organização do meu desejo em relação à pesquisa.

Ao Dr. Antônio Teixeira pela transmissão encantadora da psicanálise e da filosofia, de modo que contribuiu sobremaneira para o delineamento do meu anteprojeto de mestrado.

À Dra. Márcia Rosa pela transmissão de saber e contribuições para minha percepção sobre o olhar em relação ao sujeito atravessado pela criminalidade.

À professora Andréa Guerra minha admiração, carinho e gratidão pela acolhida, transmissão, referência, e apontamentos na qualificação, os quais foram fundamentais para a continuidade da pesquisa.

A Hélio Cardoso e Vinicius Anciães pelas ricas contribuições no momento da qualificação.

Aos amigos do CEPP Vale do Aço. Local onde direcionei meu desejo pela psicanálise, fui acolhida e hoje sou membro com muito prazer. A troca com vocês é enriquecedora.

Ao professor Fernando Ribeiro, pela leitura do anteprojeto e importantes pontuações sobre o diálogo com a filosofia.

Ao amigo Éverton Fernandes por ser um exemplo, e me apresentar o mestrado com cuidado e crítica.

À Adriana Timóteo, obrigada pelas trocas além do estudo. Nossa parceria foi fundamental para elaborar questões outras que perpassaram o mestrado.

Aos demais colegas do mestrado pelas trocas nas disciplinas e aprendizado.

Carinho e gratidão a Jackson Carvalho, S_j, e ao estudante jesuíta Jobson Ramos pelo acolhida, cuidado e amor que transmitem incondicionalmente. Eu amo vocês!

À amiga que a vida trouxe: Adriana Cristina. Você foi um presente lindo que recebi. Obrigada por tudo, incluindo a escolha do título dessa pesquisa.

Aos parceiros de vida: amores do CASAM, Daiane e Hugo, Ramon Almeida, Aline Fernandes, Fernanda Gulart, Camila Tércia, Dalila, Núbia e Débora, por me amarem assim do jeitinho que sou e me fortalecerem sempre.

Aos amigos do Teatro Nervoso, pelas trocas, risos e por compreenderem minhas dificuldades com os ensaios. Fazer parte desse grupo tornou esse período mais leve.

Aos amigos: Marisa, Hudson, Fábio e Roberta pela semana de renovação e trocas. Vocês me energizaram e reforçaram a certeza do quão bom é fazer parceria com pessoas que nos querem bem.

A João Paulo Firmino pela conexão, amizade e admiração que me fortalecem no dia a dia.

À minha grande amiga Joviane pela torcida, admiração e amor. Você me fortalece!

A TODOS os amigos do Vale do Aço. Obrigada por me acolherem e pelas boas energias que trocamos em cada encontro. Vocês são incríveis!

À tia Rita e Tio João (*saudades*) por me acolherem como sobrinha, e ensinarem que o amor vai além dos laços sanguíneos. Vocês contribuíram para que eu acreditasse em meus sonhos.

Aos queridos Ângela Tavares, Edemárcio Santos, Ailton Silva, e demais amigos do trabalho, pela força, acolhida e torcida.

Aos adolescentes encarcerados e silenciados que tanto me ensinam sobre a pertinência de uma escuta ética e direcionada ao sujeito.

Enfim...agradeço ao meu bebê que veio para me ensinar que o tempo do nosso desejo nem sempre se encontra com os planejamentos conscientes. Descobrir a maternidade me fortaleço ainda mais como mulher, praticante de psicanálise e pesquisadora. Obrigada meu filho por me permitir (res) significar o sentido da palavra amor.

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
e sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
e os meios perfis não coincidiam.

Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta
Chegaram ao lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
era dividida em metades
diferentes uma da outra.

Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
Nenhuma das duas era totalmente bela.
E carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

Carlos Drummond de Andrade. *A verdade*

RESUMO

Souza, Marcela Fernanda de. (2019). *A verdade no discurso analítico e o encontro com a socioeducação* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre o lugar da verdade do sujeito em uma instituição socioeducativa. O tema da investigação surgiu da escuta de adolescentes em um contexto de privação de liberdade. Os adolescentes se queixavam de não serem escutados na instituição, porque as suas falas não eram consideradas “verdadeiras”. Assim, surgiu a questão norteadora desta investigação: “*Qual o lugar da verdade do sujeito em um dispositivo de controle?*”. Para fazer essa discussão, apresentamos inicialmente a legislação que norteia o trabalho com adolescentes autores de atos infracionais no Estado de Minas Gerais, para, em seguida, refletir sobre a lógica de vigilância e normatização dos corpos através das contribuições teóricas de Michel Foucault, Jeremy Bentham e Erving Goffman, em diálogo com autores da psicanálise. Refletimos sobre as especificidades da noção de verdade em psicanálise, diferenciando-a da concepção jurídica, para analisar o apagamento da verdade subjetiva nesses contextos institucionais. Apresentamos a noção de adolescência na teoria psicanalítica para refletir sobre as especificidades da prática criminal nesse tempo lógico, e finalmente, apresentamos uma reflexão sobre a relação entre saber e verdade nos quatro discursos elaborados por Jacques Lacan, a partir do *Seminário livro 17: O avesso da psicanálise*, analisando as incidências discursivas sobre a verdade do sujeito na instituição socioeducativa. Concluímos que o discurso do analista, nesse contexto institucional, pode fazer emergir o sujeito em sua dimensão de divisão, abrindo espaço para o surgimento da sua verdade, enquanto semi-dizer.

Palavras-chave: Psicanálise; Socioeducação; Discursos; Verdade; Saber.

ABSTRACT

Souza, Marcela Fernanda de. (2019). *A verdade no discurso analítico e o encontro com a socioeducação* (Dissertação de Mestrado). Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

This dissertation presents a reflection on the place of the subject's truth in a socio-educational institution. The subject of the investigation came from listening to adolescents in a context of deprivation of liberty. Teens complained that they were not being listened at the institution because their statements were not considered "true". Thus, the guiding question of this investigation came up: "What is the place of the subject's truth in a control device?". In order to make this discussion, we first present the legislation that guides the work with adolescents authors of infractions acts in the State of Minas Gerais, to then reflect on the logic of surveillance and standardization vigilance and normalization of bodies through the theoretical contributions of Michel Foucault, Jeremy Bentham and Erving Goffman, in dialogue with authors of psychoanalysis. We reflect on the specificities of the notion of truth in psychoanalysis, differentiating it from the juridical conception, to analyze the deletion of subjective truth in these institutional contexts. We introduce the notion of adolescence in psychoanalytic theory to reflect on the specificities of criminal practice in this logical time, and finally, we present a reflection on the relation between knowledge and truth in the four speeches elaborated by Jacques Lacan, from *Seminar book 17: wrong side of psychoanalysis*, analyzing the discursive implications on the subject's truth in the socio-educational institution. We conclude that the analyst's discourse, in this institutional context, can make the subject emerge in its dimension of division, making room for the emergence of its truth, while semi-saying.

Keywords: Psychoanalysis; Socio-education; Speeches; Truth; To know.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O Panóptico.....	32
Figura 2 - Os lugares dos discursos.....	71
Figura 3 - O Discurso do Mestre.....	75
Figura 4 - Efeitos do Discurso do Mestre sobre o adolescente.....	76
Figura 5 - O Discurso Universitário.....	77
Figura 6 - Efeitos do Discurso Universitário sobre o adolescente.....	79
Figura 7 - O Discurso da Histórica.....	81
Figura 8 - O Discurso do Analista.....	83

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIA-BH	Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente Autor de Ato Infracional
DVJ	Diretoria de Gestão de Vagas e Atendimento Judiciário
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
FUNABEM	Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor
FEBEMs	Fundações Estaduais para o Bem-estar dos Menores
MP	Ministério Público
ONU	Organização das Nações Unidas
PNBEM	Política Nacional do Bem-Estar do Menor
POP	Procedimento de Segurança Socioeducativa
PUC Minas	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
SAM	Serviço de Assistência ao Menor
SINASE	Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo
SUASE	Subsecretaria de Atendimento às medidas socioeducativas
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
REFERÊNCIAS.....	23

INTRODUÇÃO

A atuação como psicóloga no contexto da execução da medida socioeducativa de internação, em uma das unidades do interior do Estado de Minas Gerais, colocou-me diante dos seguintes impasses: como oferecer a escuta analítica ao adolescente na presença de um agente socioeducativo? Como proporcionar o surgimento da palavra neste espaço institucional, se a nomeação oriunda do campo jurídico engendra o silenciamento do sujeito? Como é possível ao adolescente ocupar o lugar de quem detém um saber, se a verdade está sempre localizada do lado da instituição?

A psicanálise, desde os seus primórdios, conjuga a experiência clínica com a investigação teórica. Freud construiu a teoria psicanalítica através da escuta clínica de suas pacientes histéricas. Ele não se furtou a analisar os efeitos do laço social sobre a subjetividade, considerando, sobretudo, os traumas provocados pela guerra e suas incidências sobre os sujeitos. Desde então, os psicanalistas são alertados sobre a importância de se pensar o sujeito em sua relação com o campo social. Esta perspectiva requer, muitas vezes, a presença do psicanalista em outros espaços físicos, fora do *setting* analítico convencional, considerando que o campo da escuta psicanalítica extrapola o dos consultórios particulares.

A experiência clínica nos espaços públicos é instigante e desafiadora, exigindo novos arranjos metodológicos que desafiam a própria relação transferencial. A psicanálise aplicada ou “implicada”, ou seja, que aborda a prática psicanalítica em suas relações com a política e com a cultura, permitindo levar em conta a dimensão sociopolítica do sofrimento (Rosa, 2016), possui grande potência, especialmente no que se refere à possibilidade de fazer emergir o sujeito dividido.

A instituição “total”¹ tende a ocupar o lugar de quem detém o saber sobre o sujeito. O saber institucional, de caráter universal, é tomado como a verdade do discurso, sendo, pois, inquestionável. Os discursos operantes nestas instituições frequentemente designam

¹ A instituição total é um termo cunhado pelo sociólogo Erving Goffman, em 1961, e sua definição encontra-se na página 30.

o adolescente como um transgressor, por vezes, conferindo pouco ou nenhum valor ao seu dizer.

Na dimensão do caso a caso, o praticante² de psicanálise busca oferecer um espaço de fala que convoque o sujeito a se implicar em sua própria história de vida, a responsabilizar-se por seus atos. Tal oferta produz efeitos que são comumente colhidos após a saída do jovem da privação de liberdade, como, por exemplo, quando ele retorna à instituição para dar notícias sobre a sua desistência da criminalidade, e sobre a sua escolha por novos modos de vida.

Ao retomar anotações de atendimentos realizados no ano de 2015, dois casos nos chamaram a atenção. Guilherme³ e João relatam ter sofrido agressões por parte dos trabalhadores da equipe de segurança. O primeiro mostrou os hematomas na região abdominal e nas costas, para comprovar a sua fala. O segundo informou ter sido algemado na janela, com as mãos para cima, enquanto recebia socos na região abdominal e também nas costas.

Relatos como os descritos acima não são incomuns nos atendimentos individuais no contexto da privação de liberdade de adolescentes. Comumente, tais relatos são considerados inverídicos por aqueles que ocupam o lugar de poder na instituição. O adolescente é visto como alguém que dissimula e que se coloca no lugar de vítima para sensibilizar a equipe de atendimento, sobretudo, os profissionais da psicologia.

A partir dessas elaborações, questionamos porque a “verdade” estaria sempre do lado daqueles que ocupam o lugar de poder na instituição. Poderíamos supor que as falas destes adolescentes desvelariam algo da verdade institucional, apontando para a sua dimensão não-toda?

² Optamos por utilizar a expressão praticante de psicanálise ao invés de psicanalista. A nomeação psicanalista é algo que ocorre na dimensão de uma autorização, que implica em certo rigor da formação analítica: supervisão – análise pessoal – formação teórica. Tal como proposto por Lacan em 1967, em seu texto *Proposição ao analista da escola*, um psicanalista se extrai através do processo de análise (Lacan, 1967/2003b). Considerando as especificidades da escuta analítica em um contexto institucional, atravessado por outros saberes, utilizamos essa expressão para evidenciar que não se trata de uma psicanálise convencional, ou seja, de um processo analítico, mas de uma escuta psicanalítica que, orientada pela ética, visa o singular de cada um.

³ Destacamos que os nomes utilizados são fictícios, para preservar a identidade dos adolescentes.

É importante esclarecer que esta pesquisa não tem a pretensão de discutir se tais adolescentes foram ou não agredidos, ou seja, de que lado está situada a “verdade”. Estas falas dos adolescentes despertaram o nosso interesse em investigar o lugar da verdade do sujeito nestas instituições.

A noção de verdade em psicanálise nos permite ir além da perspectiva que a contrapõe à mentira. Segundo Lacan (1969-70/1992), há uma impossibilidade de o saber apreender toda a verdade, pois esta é uma estrutura de ficção. A verdade entendida como *aleteia*, conceito grego, pode ser pensada num movimento dialético de velamento-desvelamento, onde a marca do real se apresenta como a impossibilidade de tudo mostrar. Fazendo menção às camadas que formam a terra, como a atmosfera, Lacan questiona sobre o lugar povoado pela verdade do ser humano, nomeando-o *aletofera* (Lacan, 1969-70/1992; V. Teixeira & Couto, 2010). Trata-se de um lugar outro, a partir do qual a verdade opera, mas sem se desvelar. Para Lacan (1969-70/1992) a prova disso é a impossibilidade de a voz humana desvelar a verdade como um todo. A linguagem pode apenas tocar o real⁴, sem, no entanto, desvelá-lo por completo. Miller (2008/2011b) aponta que há um acasalamento da verdade com a mentira, uma vez que a verdade não se configura como uma apreensão total da coisa pelas palavras. Há sempre algo que escapa.

Nesta pesquisa, as falas dos adolescentes operaram como causa de desejo, despertando o nosso interesse pelo tema. Deste modo, interrogamos o lugar que o adolescente ocupa no saber institucional, a relação entre saber e verdade nos discursos operantes na instituição e os seus efeitos sobre o sujeito. Acreditamos que a abordagem do tema pela via discursiva poderá contribuir para a prática psicanalítica neste contexto, permitindo refletir sobre o que se entende como “reinserção social”.

Definimos a seguinte questão de pesquisa: “*Qual o lugar da verdade do sujeito em um dispositivo de controle?*”. Como percurso teórico, utilizamos a psicanálise em diálogo com autores de outros campos do saber que analisam o funcionamento institucional.

Apresentaremos, no primeiro capítulo, a política pública destinada ao atendimento do adolescente que comete ato infracional, ressaltando a distância existente entre a legislação

⁴ É importante demarcar que Lacan (1969-70/1992) define o real como impossível. O real é da ordem daquilo que *não cessa de não se escrever*. É impossível à linguagem apreender tudo que concerne ao real.

nomeada socioeducativa e sua aplicação. Analisaremos o funcionamento institucional a partir da lógica de vigilância e da normatização dos corpos, com as contribuições teóricas de Michel Foucault e Jeremy Bentham, e da noção de instituição total, de Erving Goffman.

No segundo capítulo, discorreremos sobre a violência intramuros e os seus efeitos sobre os adolescentes. Discutiremos as diferenças entre a noção de verdade nos campos jurídico e psicanalítico, para refletir sobre a tensão presente nas instituições socioeducativas.

No terceiro capítulo, recorreremos às elaborações teóricas de Freud e Lacan sobre adolescência, para distingui-las das noções que sustentam o imaginário social. Apresentaremos uma reflexão sobre as nomeações veiculadas pela mídia para se referirem aos adolescentes que cometem ato infracional, e como elas incidem sobre as instituições socioeducativas, especialmente no tratamento dado à palavra do adolescente.

No quarto capítulo, apresentaremos uma reflexão sobre os discursos operantes na instituição. Partimos da hipótese de que os quatro discursos elaborados por Jacques Lacan em seu *Seminário, livro 17 (1969-1970)* são operantes na instituição: discurso do mestre, do universitário, da histórica e do analista. O Estatuto da Criança e do Adolescente, legislação que ampara a proposta de ressocialização⁵ do programa, considera o adolescente como um sujeito de direitos. Este Estatuto é sustentado pelo discurso universitário. Entretanto, ao mesmo tempo em que o adolescente é considerado um sujeito de direitos, ele é visto como transgressor, delinquente e perigoso, ainda que de maneira camuflada. Esse imaginário está associado à ideia de incurabilidade, o que leva às ambiguidades presentes nas práticas institucionais. O projeto de ressocialização abriga, em seu cerne, uma contradição, na medida em que não se aposta na reabilitação destes jovens. O adolescente é tratado como um objeto, resto, que não porta um saber, um transgressor irrecuperável, cuja fala é sempre inverídica. O praticante de psicanálise

⁵ Entende-se por ressocialização a proposta de trabalho que visa (re) inserir o sujeito privado de liberdade no laço social, de maneira distinta, ou seja, desvinculado do envolvimento criminal ou infracional. Segundo Bechara (2011, p.1118) ressocialização significa “Tornar a socializar (-se): O Estatuto da Criança e do Adolescente pretende ressocializar os menores infratores; Ao ganhar a liberdade procurou ressocializar(-se)”. É válido questionar essa expressão, na medida que se analogicamente ressocializar relaciona-se com a construção e/ou reconstrução do laço social, alguns sujeitos sequer constituíram laços. A entrada na vida infracional, por vezes, marca e/ou evidencia um rompimento com o Outro, ou mesmo a segregação a qual o púbere da periferia é relegado. Portanto, essa é uma expressão passível de questionamento, dado o paradoxo existente entre teoria e prática dentro do próprio sistema de privação de liberdade.

inserido nesse contexto institucional corre o risco de ocupar o lugar de agente do discurso da histórica, denunciando as falhas e as contradições institucionais, buscando apontar o furo no Outro. Entretanto, o discurso do analista é o único que convoca o adolescente a assumir o lugar de sujeito, ou seja, daquele capaz de produzir os próprios significantes mestres.

Para Jacques-Allain Miller (1973/1996), o resto enquanto estrutural se evidencia no discurso utilitarista enquanto algo que escapa ao controle. As unidades socioeducativas tendem a reproduzir as máximas embasadas na legislação penal infanto-juvenil, apontando o adolescente como um transgressor, e a instituição como aquela que oferece tudo o que é possível para a sua recuperação. A escuta do adolescente demonstra, entretanto, que o trabalho de recuperação deixa um resto inassimilável, uma dimensão de gozo⁶ que insiste. Há uma tendência a silenciar o que incide de pulsional nos sujeitos, mas há algo que escapa ao controle disciplinar. Esse excesso pulsional surge tanto do lado dos adolescentes quanto daqueles que se encontram em posição de poder dentro da instituição.

A psicanálise não busca extinguir esse excesso, mas oferecer a ele um lugar, já que ele aponta para o que há de mais singular em cada um. Nenhum saber é capaz de silenciar essa dimensão de gozo. A psicanálise considera que todo saber é incompleto, parcial, e inclui a dimensão inconsciente, um saber que não se sabe. Lacan (1964/2008c) postula que o inconsciente é aquilo que escapa, claudica, e marca o sujeito por sua hiância.

O discurso analítico aproxima o saber da dimensão da verdade, enquanto a ciência a rejeita. C. Oliveira (2007) esclarece que o discurso científico resolve a dialética entre saber e verdade abolindo a verdade. A ciência é um discurso sem verdade, na medida que faz da verdade um jogo de valores. O discurso científico abole a enunciação, ou seja, o que está além do enunciado, aquilo que se quer dizer. Para a ciência o que vale é apenas o dito.

Em *A ciência e a verdade*, Lacan (1965/1998b) aponta que para resolver a questão do objeto na psicanálise, faz-se necessário modificar a questão do objeto da ciência, uma vez

⁶ Definiremos nas páginas 45, 46, e 47 o conceito de gozo na psicanálise lacaniana.

que a psicanálise se relaciona com a função do objeto a^7 , ou seja, com aquilo que a causa/afeta. O sujeito não é causa de si mesmo, há uma causa outra, sempre marcada pela divisão, que denota a cisão entre verdade e saber. Assim, a relação da psicanálise com a ciência não é marcada por uma contiguidade, mas antes se caracteriza como uma relação que só se faz possível através de certa tensão. A psicanálise contribui com a ciência na medida que reintroduz o sujeito, na vertente da divisão que o constitui. A dimensão ética da psicanálise implica em reintroduzir a dimensão da divisão em um discurso que pretende deter toda a verdade.

A pesquisa em psicanálise demonstra que o encontro com o real pode acarretar uma transmissão no campo científico. Portanto, a produção de conhecimento colabora para que a psicanálise recaia no laço social. E uma vez que a psicanálise não se opõe ao resto, ela se reencontra com a ciência para marcar a possibilidade de sempre se extrair um novo saber sobre a verdade (Guerra, 2010). Ela busca incluir o impossível, aquilo que não cessa de não se escrever, o gozo que particulariza o sujeito (Pinto, 2005/2006).

Fazer pesquisa em psicanálise inclui, desse modo, a introdução da falta que é estrutural. Para Garcia-Roza (1991, p. 14), a pesquisa teórica se propõe a “submeter a teoria psicanalítica a uma análise crítica, com a finalidade de verificar sua lógica interna, a coesão estrutural dos seus conceitos, e as condições de sua possibilidade”. Nesse sentido, consideramos que esta pesquisa apresenta as características de um estudo teórico, na medida que, se propõe a analisar a pertinência da entrada da psicanálise em um campo totalmente distinto, o qual inaugura desafios consideráveis à ética psicanalítica.

Apostamos na escuta psicanalítica como forma de aceder à verdade, que habita o espaço interdito das frases, dos sonhos, dos lapsos da linguagem. A verdade só pode articular-se na palavra, ao mesmo tempo em que permanece oculta por trás do dito. Acolher a angústia do adolescente é dar lugar à verdade, que como um lampejo, só pode ser colhida através dos seus efeitos. Ela pode se manifestar a partir da angústia, que anuncia a presença do objeto. A verdade é o fundamento do discurso, entretanto, por ser ligada ao gozo, não é

⁷ O objeto a é definido por Lacan (1969-70/1992) como aquilo que cai, que se perde com a entrada do sujeito na linguagem. Ele é efeito da própria cadeia significante na medida que, ao se extrair um sujeito da intervenção de S1 (significante-mestre) sobre S2 (campo do saber), há uma perda fundamental, que terá a função de causa de desejo.

de fácil acesso. Questionamos, na clínica psicanalítica, o que, do saber, pode funcionar como verdade (Lacan, 1969-70/1992).

A partir dessas considerações, refletimos sobre o lugar da verdade do sujeito em uma instituição socioeducativa, considerando a importância de se dar lugar à palavra do sujeito, para que ele possa tecer a sua verdade, sempre não-toda.

Consideramos que as reflexões aqui realizadas se constituem como tentativas de fazer borda ao real que se apresenta nesse contexto, sem a pretensão de alcançar um saber totalizante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando a questão norteadora dessa pesquisa, a saber: *Qual o lugar da verdade do sujeito em uma instituição de controle?*, concluímos que em um contexto institucional totalizador, não há lugar para a verdade do sujeito. Contudo, tal como foi elaborado por Lacan (1955-56/2008a, p.22) tudo aquilo que é apartado do simbólico retorna no real. O real se apresenta nos excessos de toda ordem, e pode surgir tanto nos atos dos adolescentes quanto nos dos profissionais da instituição, nas diferentes formas de violência. O praticante de psicanálise é convocado a atuar a partir desse excedente pulsional que resiste ao controle disciplinar. O seu desafio é o de sustentar o lugar da falta na instituição, dando lugar à palavra e permitindo que algo do gozo possa ser simbolizado.

Buscamos cernir, ainda que de maneira não-toda, o real que se apresenta impossível no dia a dia, através da execução de uma política pública destinada ao universal que visa apagar o singular de cada um. Fazer emergir o sujeito dividido implica em escutar aquilo que aparece como sintomático na fala do adolescente. Ao dar lugar à palavra do adolescente na instituição, escutamos queixas de agressões sofridas neste espaço, e de sua fala não ser considerada “verdadeira” pelos agentes institucionais. Assim, questionamos o lugar da verdade do sujeito em uma instituição socioeducativa.

Para fazer essa reflexão, analisamos, no primeiro capítulo, a instituição socioeducativa como um dispositivo de controle e vigilância, que engendra e fomenta a violência intramuros. No segundo capítulo, apresentamos uma breve leitura das diferenças entre violência e agressividade na psicanálise, refletindo sobre a violência no contexto institucional socioeducativo. Problematizar a noção de verdade na psicanálise, contrapondo-a à noção de verdade no campo jurídico, permitiu questionar a ideia de se alcançar uma verdade “toda”, elucidativa. A verdade, mesmo no campo jurídico, é marcada por construções realizadas a partir dos autos, muitas vezes atravessada por discursos contaminados pelo processo de criminalização que envolve o adolescente preto, pobre e morador de periferia.

No terceiro capítulo, refletimos sobre o papel da mídia na construção social que liga o adolescente autor de ato infracional à ideia de periculosidade, contribuindo para a sua

segregação. Mostramos que a psicanálise concebe a adolescência a partir da noção de sintoma. A adolescência é tomada como uma elaboração individual à puberdade. Desse modo, o ato infracional pode surgir como resposta ao real da puberdade. Escutar o sujeito abre a possibilidade de fazer surgir a adolescência, como uma resposta individual ao encontro com o real.

No quarto capítulo, a noção de verdade é retomada a partir dos quatro discursos instituídos por Lacan em seu seminário *O Avesso da Psicanálise*, com o objetivo de analisar as incidências discursivas sobre a verdade do sujeito na instituição socioeducativa. Apontamos a relevância da escuta nesse contexto para fazer vacilar o saber universalizante que causa o silenciamento das subjetividades.

Em uma instituição que pretende anular o lugar da verdade do sujeito, destacamos o discurso do analista como aquele que pode fazer surgir o sujeito em sua dimensão de divisão. Ao dar lugar às palavras que tocam o gozo, a verdade do sujeito, irmã do gozo, pode emergir.

Nesta dissertação, não tivemos a pretensão de esgotar a discussão sobre a temática. A socioeducação é um campo complexo, desafiador, e profícuo para pesquisas e propostas de intervenção. Buscamos refletir sobre um contexto institucional através da singularidade do adolescente aprisionado. Para isto, analisamos os efeitos de silenciamento produzidos pela própria política socioeducativa, que faz reverberar o apagamento da verdade do sujeito, que é violado e segregado do laço social desde a mais tenra infância pela sua própria condição de vida. Se as instituições socioeducativas falham em controlar todo o gozo, escutar esse incontrolável é fundamental para o avanço do trabalho que se pretende como ressocialização. Ao considerar a sua condição não-toda, a instituição pode abrir caminhos para a construção de formas de tratar a violência intramuros. Analisar o contexto da violência institucional, escutando e considerando o que se produz na cadeia significante, portanto, pode ser um bom começo para se avaliar e fazer avançar a política socioeducativa em Minas Gerais.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, E. A ação lacaniana nas Instituições. Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais. *Almanaque on-line n° 8*. Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/wp-content/uploads/2015/09/ElisaAlvarenga.pdf>.
- Andrade, C. D. de. Corpo. (2015). In Andrade, C. D. de. *Nova reunião: 23 livros de poesia*. São Paulo, SP: Companhia das Letras (Original publicado em 1984).
- Arenhart, S. C (n.d). A verdade e a prova no processo civil. Academia Brasileira de Direito Processual Civil. Recuperado de https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/46524046/A_verdade_e_a_prova_no_processo_civil_-_Sergio_Cruz_Arenhart_1.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1537843134&Signature=5IqEVwaJeOWIzOuIDpVPxita8m0%3D&response-content-disposition=inline%3B%20filename%3DA_VERDADE_E_A_PROVA_NO_PROCESSO_CIVIL_A.pdf
- Bechara, E. C. (org. 2011). Dicionário escolar da academia brasileira de letras: língua portuguesa. São Paulo, SP: Companhia Editora Nacional.
- Bentham, Jeremy (2008). *O panóptico* (2a ed.) (T. Tadeu, trad.). Belo Horizonte, MG: Autêntica. (Trabalho original publicado em 1977).
- Berni, Juliana Tassara. (2015). *A presença do estagiário numa instituição para crianças em grandes dificuldades psíquicas*. Dissertação de Mestrado, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Cerqueira, D., Lima, R. S. de., Bueno, S., Noeme, C., Ferreira, H., Coelho, D., Alves, P. P., Pinheiro, M., Astolfi, R., Marques, D., Reis, M., Merian, F. (2018). *Atlas da Violência*. Ipea. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Recuperado de http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/06/FBSP_Atlas_da_Violencia_2018_Relatorio.pdf
- Couto, L. F. S.; Casseté, J. L. de; Hartmann, F; & Souza, M. F. G. de (2018). *Os discursos lacanianos como laços sociais. Subjetividades (ed. Especial), (pp. 93-104). Recuperado em 27 de dezembro de 2018, de <http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/6562/pdf>*.
- Figueiró, R. de A., Minchoni, T., & Figueiró, M. E. S. da S. (2013). A produção do adolescente “infrator” na mídia brasileira. Anais do 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade da Universidade Federal de Santa Maria (04, 05 e 06 jun). Recuperado de <http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2013/2-5.pdf>.
- Filho, F. C. T (2009). *Prática de processo penal* (31a ed.). São Paulo, SP: Saraiva.
- Foucault, M. (2014). *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. (R. Ramallete, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1975).

- Freud, S. (1996a). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. XII: Além do princípio do prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920-1922), J. Salomão, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Imago (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996b). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud* (Vol. VII: Um caso de histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos (1901-1905), J. Salomão, trad., pp. 117-231). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol 18: o mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936), P.C. de Souza, trad., pp.13-122). São Paulo, SP: Companhia das Letras.(Trabalho original publicado em 1930).
- Garcia-Roza, L. A. (1991). Pesquisa de tipo teórico. In *Psicanálise e Universidade. Encontro de Pesquisa Acadêmica em Psicanálise*, v.1, pp. 9-32.
- Goffman, E. (2015). *Manicômios, prisões e conventos* (D. M. Leite, trad.). São Paulo: Perspectiva. (Trabalho original publicado em 1961).
- Goiz, J. de A. (2016). Das teorias racialistas ao genocídio da juventude negra no Brasil contemporâneo: algumas reflexões sobre um país nada cordial. *Aedos*, 8 (19), pp.108-127. Recuperado de <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/68758/40557>
- Greco, R (2006). *Curso de direito penal: parte geral* (6a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Impetus.
- Guerra, A. M. C. (2010). Psicanálise e produção científica. In Neto, F. K., & Moreira, J. O. (Orgs.) (pp. 130-145). *Pesquisa em psicanálise: transmissão na universidade*. Barbacena, MG: EdUEMG.
- Guerra, A. M. C., Soares, C. A. N., Pinheiro, M. do C. de M., & Lima, N. L. de. (2012). Violência urbana, criminalidade e tráfico de drogas: uma discussão psicanalítica acerca da adolescência. *Psicologia em Revista*, 18(2), 247-263. <https://dx.doi.org/http://dx.doi.org/10.5752/P.1678-9563.2012v18n2p247>.
- Guerra, A.M.C. (2013). “Brasil, quem tem dinheiro vive, quem não tem corre”: ressonâncias do capitalismo de consumo sobre o discurso do jovem atravessado pelo tráfico de drogas. In Ferrari, I.F; & Moreira, J. O (pp.89-103). *Psicanálise e violência: sociedade, juventude e literatura*. Curitiba, PR: CRV.
- Guerra, A. M. C., Cunha, C. de F., Costa, M. H., & Silva, T. L. (2014). Risco e Sinthome: A Psicanálise no Sistema Socioeducativo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(2), 171-177. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722014000200006>.
- Gurski, R., & Pereira, M. R. (2016). A experiência e o tempo na passagem da adolescência contemporânea. *Psicologia USP*, 27(3), 429-440. <https://dx.doi.org/10.1590/0103-656420150005>.
- Ianini G. A palavra e a Coisa: sobre o caráter ficcional da verdade (2008). In Saflatle, W., Manzi, R. (Orgs) (pp. 199-210). *A filosofia após Freud*. São Paulo, SP: Humanitas.

- Ianini, G. (2013). *Estilo e verdade em Jacques Lacan*. Belo Horizonte, MG: Autêntica.
- Júnior, H. C. de M. (2010). Um psicólogo no tribunal de família: a prática na interface direito e psicanálise. Belo Horizonte, MG: Artesã.
- Júnior, R.C. (trad.). (2013). *A quem o assassino mata?: o serial killer à luz da criminologia e da psicanálise*. São Paulo, SP: Atheneu.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência* (C.R. Guardado e V.A. Ribeiro, trads). Rio de Janeiro, RJ: Contracapa. (Trabalho original publicado em 2006).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. (2a ed.) (A. Roitman; A. Quinet, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-70).
- Lacan, J (1998a). A agressividade em psicanálise. In: Lacan, J (pp.104-126). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1948).
- Lacan, Jacques (1998b). A ciência e a verdade. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 869-892). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1965).
- Lacan, Jacques (1998c). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde de Freud. In J. Lacan, *Escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 496-533). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957).
- Lacan, J (1998d). Função e Campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Lacan, J (pp.238-324). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1953).
- Lacan, J (1998e). Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia. In: Lacan, J (pp.127-151). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1950).
- Lacan, J (1998f). O estádio do espelho como formador da função do eu. In: Lacan, J (pp.96-103). *Escritos*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar (Trabalho original publicado em 1949).
- Lacan, Jacques (2003a). Prefácio a O despertar da primavera. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 557-559). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974).
- Lacan, Jacques (2003b). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan, *Outros escritos* (V. Ribeiro, trad., pp. 248-264). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1967).
- Lacan, J. (2008a). *O seminário, livro 03: as psicoses*. (2a ed.) (A. Menezes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-56).

- Lacan, J. (2008b). *O seminário, livro 07: a ética da psicanálise*. (A. Quinet, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (2008c). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. (M.D. Magno, trad. 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964).
- Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/l8069.htm
- Lei n. 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase), regulamenta a execução das medidas socioeducativas destinadas a adolescente que pratique ato infracional; e altera as Leis nos 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente); 7.560, de 19 de dezembro de 1986, 7.998, de 11 de janeiro de 1990, 5.537, de 21 de novembro de 1968, 8.315, de 23 de dezembro de 1991, 8.706, de 14 de setembro de 1993, os Decretos-Leis nos 4.048, de 22 de janeiro de 1942, 8.621, de 10 de janeiro de 1946, e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei no 5.452, de 1º de maio de 1943. Recuperado de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm.
- Lima, N. L. (2016). O saber e a sexualidade na adolescência: o que há de inédito no despertar da primavera. In Medeiros, C. P., & Almeida, S.F.C (pp.169-182). *Psicanálise implicada: educar e tratar o sujeito*. Curitiba, PR: Juruá.
- Lima, N. L. de, Araújo, R. S. de, Souza, E. P. de, Dias, A. F. G., Barbosa, C. A., Alves, R. G. S., Nihari, K. M., & Marchi, N. S. B. (2015). Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares. *Educação & Realidade*, 40(4), 1103-1125. Epub 14 de agosto de 2015. <https://dx.doi.org/10.1590/2175-623645088>.
- Machado, M.N.M (2013). Violência, políticas públicas, Minas Gerais. In: Ferrari, I.F; Moreira, J. O (pp.35-45). *Psicanálise e violência: sociedade, juventude e literatura*. Curitiba, PR: CRV.
- Miller, J-A. (1996). A máquina panóptica de Jeremy Bentham. In J-A. Miller. *Matemas I*. (Sérgio Laia, trad., pp.24-54). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Original publicado em 1973).
- Miller, J-A. (2011a). A psicanálise, seu lugar entre as ciências. In Escola Brasileira de Psicanálise (n.69). *Revista correio*. São Paulo, SP: Escola Brasileira de Psicanálise.
- Miller, J-A (2011b). A psicanálise verdadeira e a falsa. In J-A Miller, *Perspectivas dos escritos e outros escritos* (pp.31-38). Rio de Janeiro, RJ: Zahar. (Trabalho original publicado em 2008).
- Miller, J-A (2012a). Os seis paradigmas do gozo. Opção Lacaniana Online. Ano3. Num.7.março 2012. (Trabalho original publicado em 1999). Recuperado de http://opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_7/Os_seis_paradigmas_do_gozo.pdf.
- Miller, J.A. (2012b). Racismo e extimidade. *Derivas analíticas*. Texto traduzido por Frederico Feu e Yolanda Vilela. Recuperado de:

<http://revistaderivasanaliticas.com.br/index.php/accordion-a-2/o-entredois-ou-o-espaco-do-sujeito>.

- Moreira, J. de O., Guerra, A. M. C., & Drawin, C. R. (2017). Violência Juvenil e Medidas Socioeducativas: Revisão de Literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 33, e3337. Epub 16 de outubro de 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3337>.
- Moreira, J. de O., Guerra, A. M. C., Oliveira, N. A., Souza, J. M. P. de, & Soares, C. A. N. (2015). Medidas socioeducativas com seus dispositivos disciplinares: o que, de fato, está em jogo nesse sistema?. *Revista Psicologia Política*, 15(33), 285-302. Recuperado em 03 de janeiro de 2019, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2015000200004&lng=pt&tlng=pt.
- Nogueira, C. S. P. (2015). A questão do pai e o ato infracional: impasses na transmissão do desejo. Belo Horizonte, MG: Scriptum.
- Oliveira, C. (2007, 02 de novembro). Da enunciação da verdade ao enunciado do gozo: o mito. In Universidade Federal de São Paulo (n.36, pp. 271-284). Dossiê filosofia e psicanálise. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/discurso/article/view/38081>.
- Oliveira, M. R. Violência institucional no sistema socioeducativo: quem se importa? In Fórum permanente do sistema socioeducativo de Belo Horizonte (2015) (org.) *Desafios da socioeducação: responsabilização e integração social de adolescentes autores de atos infracionais* (pp.27-49). Belo Horizonte, MG: CEAf.
- Pan-óptico. (2018, 24 de junho). “Planta da estrutura do Panóptico idealizado por Bentham (desenho do arquiteto inglês Willey Reveley, 1791)”. Recuperado de <https://pt.wikipedia.org/wiki/Pan-%C3%B3ptico>.
- Pinto, J. M. (2005). Psicanálise e universidade: mais, ainda. In Lo Bianco, A. C. (2006, pp. 29-38). *Freud não explica: a psicanálise nas universidades*. Rio de Janeiro, RJ: Contra Capa.
- Rosa, Miriam Debieux. (2016). A Clínica Psicanalítica em Face da Dimensão Sociopolítica do Sofrimento. São Paulo, SP: Escuta.
- Secretaria de Estado de Defesa Social. Recuperado de <http://www.seguranca.mg.gov.br/socioeducativo/2013-07-15-23-11-22>.
- Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas – SUASE (2012-2013). *Metodologia de Atendimento da Medida Socioeducativa de Internação*. Belo Horizonte, MG: Governo do Estado de Minas Gerais/Secretaria de Estado de Defesa Social.
- Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas (2013). *Procedimentos de Segurança Socioeducativa: internação provisória e medida socioeducativa de internação*. Belo Horizonte, MG: Governo do Estado de Minas Gerais/ Secretaria de Estado de Defesa Social/ Superintendência de Gestão das Medidas de Privação de Liberdade.

- Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas – SUASE (2016). *Regimento Único dos Centros Socioeducativos do Estado de Minas Gerais*. Belo Horizonte, MG: Governo do Estado de Minas Gerais/ Secretaria de Estado de Defesa Social/ Superintendência de Gestão das Medidas de Privação de Liberdade.
- Sistema de informações estatísticas do sistema penitenciário (Infopen). Recuperado de http://depen.gov.br/DEPEN/noticias-1/noticias/infopen-levantamento-nacional-de-informacoes-penitenciarias-2016/relatorio_2016_22111.pdf.
- Sistema Nacional De Atendimento Socioeducativo – SINASE* (2006). Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília-DF: CONANDA, 2006. Recuperado de <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/sinase.pdf>
- Stevens, A. Adolescência, sintoma da puberdade (2004). In Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas (n.20, pp.27-39). *Revista Curinga: Clínica do contemporâneo*. Belo Horizonte, MG: EBP-MG.
- Teixeira, V. L., & Silva Couto, L. (2010). A cultura do consumo: uma leitura psicanalítica lacaniana. *Psicologia em Estudo* (v. 15 (3), pp. 583-591. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n3/v15n3a16>.
- Teixeira, A. (2010a). A vocação irônica da psicanálise. *Tempo psicanalítico* (v.42(1), pp. 9-38). Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382010000100001&lng=pt&tlng=pt.
- Teixeira, A. (Org.). (2010b). *Metodologia em ato*. Belo Horizonte, MG: Scriptum.
- Tízio, H. (2013). Subjetividade e realidade social: a questão da violência. In Ferrari, I.F; Moreira, J. O. *Psicanálise e violência: sociedade, juventude e literatura* (pp.25-33). Curitiba, PR: CRV.
- Viganò, C. (2012a). A construção do caso clínico. In Viganò, C. *Novas conferências* (W. Alkmin, org., pp.115-127). Belo Horizonte, MG: Scriptum.
- Viganò, C. (2012b). A palavra na instituição. In Viganò, C. *Novas conferências* (W. Alkmin, org., pp.99-102). Belo Horizonte, MG: Scriptum. (Trabalho original publicado em 2006).
- Wedekind, F. (2010). O despertar da Primavera: uma tragédia infantil. (C. Abeling, M. T. F., Morais trads., pp. 13-78). Luzes do Asfalto. (Trabalho original publicado em 1891).